

**A CASA TOMBADA  
PÓS-GRADUAÇÃO LATU SENSO**

**PAOLA SCARTEZINI**

Graduação A Natureza que somos

Orientadoras:

RITA MENDONÇA E BEATRIZ TADEMA

**Histórias que me atravessam, tecendo a natureza que sou,  
tecelã e tecido.**

Ensaio Paola Scartezini

Bela Vista de Goiás, 15 de maio de 2023

“Quando eu teço meu paneiro  
Algo se abre dentro de mim.  
Eu sou um, eu sou inteiro  
Jardineiro em seu jardim.  
Minhas mãos tecem o infinito  
Nas finas palhas que eu traço  
Quero que seja o mais bonito  
A ocupar esse espaço.  
Assim honro meus pais  
Honro assim a Mãe Natureza  
Que me deu essa leveza.  
Assim cumpro o meu papel  
Cumpro meu nascimento  
Que não caiu no esquecimento.”

Trecho do Livro “A chave do meu sonho” – Daniel Munduruku

Era uma vez o vazio, o escuro.

Era uma vez um ponto no nada, ou seria um mundo no todo?

Era uma vez uma vez um organismo, com muitos outros organismos a sua volta, até que um entrou dentro do outro, o outro dentro do um, e muita coisa aconteceu e continua acontecendo, inúmeros acontecimentos tecendo uma rede de caminhos criativos, num movimento pulsante, num bailado imprevisível, em eterna transformação do que era no que é, do que é para o que poderá ser.

Cada ser por menor ou maior que seja seu tamanho, o tempo que passe em companhia da vida, seja em um rápido piscar de olhos ou uma imensidão de estações, bailam conduzidos pela música do mistério, e ao girar nesse embalo se tornam o próprio bailado.

E o bailado acontece na relação dos bailarinos, com passos que se atraem, se repelem, que surgem, extinguem-se, transformam-se, desenvolvem-se no grande espetáculo do Cosmos, matéria e energia, luz e sombra.

Era uma vez um organismo que era UM na sua totalidade e na sua parte também.

Histórias sempre me encantaram, de início na infância me relacionava com elas através dos livros, dos filmes e musicais, histórias de nações, de pessoas, de animais, das histórias que ouvia em rodas de tias a conversar a tarde, em volta da mesa da cozinha da casa de minha avó, ou da sala, com bolinho de chuva, café com leite, em ambiente acolhedor, as histórias se desenrolavam, eram contadas e recontadas, e minha imaginação me transportava até outros tempos, vivido por elas, as tias, delas minha tia avó era sempre destaque com as mais engraçadas e impossíveis, amava, e entre risadas eu ia me situando como integrante daquele grupo, e sem me dar conta camadas delicadas eram adicionadas ao tecido da minha própria história, criando e exercitando os meus passos do bailado.

Havia também as histórias que eu vivia com outros seres não humanos, com as formigas por exemplo, pequenas, pretinhas e arredondadas, não pequenas demais, como as que adoram passear pelo nosso açucareiro, nem grandes demais como as frenéticas cortadeiras, que parecem um exército na sua tarefa de garantir alimento, essas eram do tamanho certo para uma criança como eu se sentir confortável pertinho delas, eu ficava observado, de pé no banco para poder as alcançar com os olhos, se movimentavam rápidas e determinadas de um lado para o outro do muro do quintal, elas pareciam ter um compromisso sério com horário marcado, não era tarefa fácil mudar o curso daquele caminhar apressado, eu bem que tentava, colocava meus dedos, minha mão como obstáculos, no intuito de pará-las, mas só conseguia atrasá-las um pouco, porque sempre buscavam voltar ao percurso, determinadas que só, eu as observava, pegava, guardava em caixinhas cheias de açúcar e ficava frustrada quando não percebia o açúcar diminuir, me preocupava por não estarem se alimentando, depois soltava, e voltava a ficar olhando para elas. Esses encontros me contavam sobre um mundo desconhecido, o contato físico me causava sensações, o movimento apressado de suas patinhas pelas minhas mãos e braços, provocavam coceguinhas, não sei bem como isso aconteceu mas meu corpo foi se familiarizando e achando gostoso, um toque suave, e minha pele foi aprendendo, o reconhecimento do tato ficou registrado em meu tecido, e como esse vários momentos impressos no corpo. Já os besouros me pareciam opostos às formigas, sempre perdidos, voando e batendo por onde passam, com seus cascos redondos e brilhantes, teimavam em cair de barriga para cima, fazendo com que a minha missão “vira besouro” não tivesse fim, faço isso até hoje, virá-los para que eles tornem a virar, naquela época pouco sabia sobre eles, que são inúmeros, com especificidades diversas, de uma família daquelas enormes cheias de primos e tios, e não saber pouco importava, para mim besouros eram os pretos, parecidos com fusquinhas, maiores ou menores, que chegavam a noite na varanda do sítio do meu avô, batendo em tudo, achava que besouros eram serzinhos atrapalhados e dóceis que gastavam uma energia louca para voar, com o

corpanzão tão pesado e asas tão frágeis e delicadas que quando trombavam e caíam, gastavam o resto da energia com suas patinhas cheias de garrinhas voltadas para cima num movimentar sem fim, até ter a sorte de bater em algo onde pudessem se agarrar e virar, ou então morreriam tentando, por isso o valor da missão “vira besouro”, era preciso ajuda-los. Para mim o fato de terem recebido asas foi sempre um mistério, me parecia mais prudente que andassem pelo chão. Mais tarde conheci os grandes, com chifres! dei-lhes o nome de besouros rinocerontes, fortes, esses sempre me davam um frio na barriga na hora de pegar seus corpos pesados e lentos na mão, eles também tinham as patas que agarravam na pele igual aos meus outros amigos besouros, mas diferente daqueles com suas anteninhas e curiosidade, esses pareciam ter um corpo mais quieto, e ficavam bastante tempo parados na minha mão, o suficiente para acalmar a sensação de medo que tinha ao ter pegado aquele ser diferente e chifrudo e poder olhar um pouco para os pelinhos de suas patinhas, o brilho do seu casco e os chifres incríveis que faziam deles os rei dos besouros, e foi assim que meu corpo se acostumou com eles também.

As noites escuras e quentes do sítio do meu avô reservavam outras experiências, tinha o espetáculo da mágica dança pisca-pisca dos vaga lumes, estrelas voadoras caídas do céu. Algumas noites eram poucos os visitantes e eu, ficava sentada na varanda da casa, olhava atenta para o escuro e aguardando pelo próximo piscar, acompanhando o incerto caminho do vaga-lume, mas se eram muitos, meus olhos relaxavam e ficavam distraídos se maravilhando com as luzes no escuro. Dessas visitas uma ficou marcada, fomos visitar amigos dos meus pais em outro sítio cheio de crianças e elas faziam lanternas com essas estrelas, saímos para caçar vagalumes e coloca-los em vidros com tampas, lanternas de vaga-lume, nesse dia pude ver essas estrelinhas mais de perto, olhar focado no detalhe, basicamente insetos com 2 pontinhos luminosos pulsando, já não voavam, quietinhos no fundo do vidro, não gostei, nunca mais quis ter vaga lumes só para mim, prefiro soltos a vagalumear, já adulta vi uma constelação inteira brilhando logo ali pertinho mas não tanto, o suficiente para ainda se manterem estrelas e o mistério se fazer presente. Essas histórias teceram camadas quentes, brilhantes e festivas.

Nesses momentos eu não tinha nenhuma expectativa, eram encontros cotidianos, simples, não esperava ganhar nada com eles, o que me movia era uma curiosidade, um estado de diversão, momentos de tédio, e hoje quando recordo esses momentos, encontro conversas com tramas mais abertas, linhas suavemente entrelaçadas, cores vivas, pulsantes, camadas de tecidos, éramos tão diferentes, eu e eles. Deles eu nada conhecia, mas era o encontro que me ensinava, sobre suavidade, força, vulnerabilidade, magia, mas essas palavras só chegaram muito depois. Naquela época através dos meus sentidos, meu corpo aprendia com outros corpos, outras formas, outros mundos ainda que o mesmo e compartilhávamos a vida que somos.

Adentrar ao mundo dos insetos, imaginar histórias sobre eles, personificá-los, mexer, tocar, me relacionar com eles de forma mais íntima, estabeleceu um laço afetivo, percebo que até hoje essas experiências ecoam dentro de mim, elas fazem parte da minha educação corporal, ao me permitir tocar e ser tocada por eles, a estar em sua presença observando-os, escutando seu som, eles viraram parte do meu tecido, se entrelaçaram nos fios da minha linha, esses pequenos insetos, me apresentaram universos diferentes e enquanto isso acontecia, ampliaram o meu. Dessa aproximação veio a familiaridade, que se expandiu para outros insetos, grilos que para meus ouvidos entoam canções de ninar, cigarras e seu SIMMMMMMM vibram nos dias quentes e sem vento, abelhinhas me seguem após o banho atraídas pelos perfumes que exalo, todos fazem parte de mim, e com isso não quero dizer que tudo são flores entre nós, mosquitos e seu voar barulhento na minha opinião são verdadeiros treinadores de Jedi, impossível ficar quieta em sua presença, escorpiões provocam em meu corpo um susto e uma repulsa imediatos, uma reação bem irracional, atada a outras linhas da infância, mas ainda assim, reconheço o valor da existência desses seres bailarinos com seus passos diminutos, voadores e barulhentos.

“Foi por eles que primeiramente fiquei a conhecer a inteligência que se oculta na natureza não humana, capacidade que uma forma alheia de sensiência tem de ecoar a nossa própria forma, de instilar em nós uma reverberação que temporariamente despedaça maneiras de ver e sentir habituais, deixando-nos abertos a um mundo que está todo vivo, desperto e consciente.” *David Abram, A magia do Sensível.*

As experiências que tive com cada criatura, foram vividas em diversas esferas, corporais, sensitivas, intuitivas, racionais, criativas, espirituais, caleidoscópio da vida a girar na amplitude da infância. Parte dessas histórias, se tornaram pedaços mais profundos dentro de mim, já outras, basta uma leve agitação que emergem para superfície, mas cada uma do seu jeito se tornou um pedacinho da minha natureza, alimentando a semente de Anima Mundi\* em mim, estimulando raízes de conexão com Gaia.

Eu aceitava os convites de interação com outros corpos que minha curiosidade me fazia, a vida pulsante, não buscava respostas, não buscava conexão, buscava estar perto, olhar, tocar, cheirar, brincar, no prazer, meus sentidos eram exercitados, eu me desenvolvia como ser humano, em continuidade a uma história que parece, começou há 2,5 milhões de anos atrás e enquanto caminhava falava uma linguagem não humana, uma linguagem de unidade.

*“Esse corpo respira, enquanto experiencia e habita o mundo, é muito diferente desse corpo objetificado dos diagramas dos manuais de fisiologia, com seus sistemas separáveis ...” David Abram, A magia do sensível*

Nesse tempo, eram unicamente experiências de vida, conexão pura, possível pela presença, pela ausência de ideias pré-concebidas, por facilmente estar em “estado de infância”, como diz Renato Nogueira, com abertura para a relação entre sujeitos habitantes desse universo.

Mas vida que segue, como diz Ailton Krenak, “criando novos desenhos e formas”, caminho em compasso marcado pelo tempo, que “como metabolismo, ativa o metabolismo de todos os seres que estão no tempo”.

Nessa trajetória de vida adormeço um tanto de vezes, me esqueço dos insetos, me esqueço e adormeço...

As histórias seguem por vezes tecidas com linhas obscurecidas pelo cinza da vida prática, da correria, das inúmeras tarefas que fazem com que em certos momentos, o tempo não se assemelhe com nada além do que um terrível comedor de vida, esquecimento e distância do estado de infância que trago sob a pele. Sonâmbula de natureza, meu corpo mais parece equipamento prático para desempenhar as tarefas cotidianas.

Desses momentos de sonambulismo, naturalmente vivo um tanto deles, desse carrossel em looping nem sempre é fácil despertar, que alguns chamam de reconectar. A mente povoada de “saberes e deveres” segue implacável guiando o corpo adormecido.

Por sorte assim como no bordado e nas histórias as linhas se tencionam, friccionam, se partem, seguindo o fluxo da natureza, fricção, instabilidade, tensão, transformação.

A vida apertada, provoca e eu sigo no bailado, me buscando, leio em todo lugar, é preciso reconectar com a natureza, mas como reconectar se já sou corpo, mente em movimento, sempre? Se minhas histórias estão enraizadas nas relações com os seres da Terra, se...

*“ todos os seres vivos são de alguma forma o mesmo corpo, uma mesma vida, um mesmo eu, que continua passando de forma em forma, de existência em existência, co-habitando esse grande organismo” trecho da Flecha 3, Metamorfose – Ciclo Selvagem*

Estou conectada, queira eu ou não, porque aqui vivo, me movo e existo por isso a palavra despertar faz mais sentido para mim, porque me sinto dormindo e quando adormecida sonho. E nos sonhos me relaciono, a partir de um único lugar, interno, isolado, mergulhado em ideias que nem sei de onde vieram, pensamentos, costumes, necessidades, hábitos. Costuro unicamente com meu interior, não enxergo o que me rodeia, sem consciência, mas ainda assim me relaciono. Camada superficial.

Para aprofundar nas camadas das relações, é preciso estar minimamente desperta. Para começar a despertar, a fricção provoca, algo em mim se incomoda, se questiona. Reflito: preciso esvaziar, respirar.

Inspirar, expirar, inspirar e expirar, esvaziar, inspirar e expirar, já começo a lembrar de algo, inspirar, expirar, um corpo, inspirar e expirar pé na terra, inspirar e expirar, relaxar a mente, inspirar ...coceguinhas no braço.

“Quando meus olhos estão sujos de civilização, cresce dentro deles, um desejo de  
árvores e aves”

Querido Manoel de Barros, que me lembra de uma garotinha encantada por besouros.

Aberturas e fechamentos, fissuras, términos e recomeços, são histórias que trago marcadas na minha pele, no corpo, como cicatriz, histórias tecidas com fogo para exercitar minhas asas e minhas águas. Vida que narra as travessias, provocando pequeno passo ao grande salto.

Sinto que para exercitar as asas para mergulhos em camadas mais profundas da vida, para novas conversas, é preciso ter um corpo vivo. Corpo vivo e olhar distraído de expectativas da busca por algo, é preciso fechar nossos olhos humanos para enxergar a gaiola aberta. Para exercitar as asas é preciso ter corpo poroso, membrana permeável, sentidos aguçados em estado de abertura.

E o que entendo como corpo vivo é acordar como natureza, apurar a pele, sentir o ar a minha volta, no meu interior, ar preenchido de mim, apurar a audição do que passa despercebido e me toca, do sutil movimento das folhas tocadas pela brisa, do estalar da madeira no calor, ir além do primeiro olhar, focar, procurar detalhes, ao que parece no invisível. Pés descalços, chão quente ou frio, contato direto, água, no corpo, na boca, na bexiga, lembranças do corpo. Corpo vivo nas percepções, como estou me sentindo agora? Caminhando pelo que está mais explícito e suavemente ir se entranhando para o sutil, assim nesse movimento ir se abrindo, se tornando mais sensível.

*“Além de Almon, o pescador, a quem ninguém dava ouvidos porque todos debochavam dele, não havia ali em toda a aldeia alguém que ensinasse as crianças que a realidade não é apenas o que o olho vê e não somente o que o ouvido escuta e o que a mão pode tocar, mas também o que se esconde do olho e do toque dos dedos e se revela as vezes, só por um momento, para quem procura com os olhos do espírito e para quem sabe ficar atento e ouvir com os olhos da alma e tocar com os dedos do pensamento”*

*trecho do livro De repente nas profundezas do bosque, Amós Oz*

Sinto que é preciso também escolher despertar, uma escolha que acontece em alguns níveis dentro de mim, a partir do estica e puxa da vida, colocar uma intenção em movimento, e essa intenção deve ser exercitada, nesse exercício devo me desnudar das expectativas e relaxar do destino esperado, porque se me apego adormeço, se me apego ao destino endureço.

Quando acordada esqueço das trocas de favores, quando acordada sou junto, faço parte do bailado milenar, *“o mundo e eu damos e recebemos reciprocamente”* David Abram

A vida como fluxo incansável nas criações é flexível, nos prepara surpresas, presentes e o corpo vivo em pleno exercício de abertura é campo fértil para sua lavoura.

A nossa pós é uma escolha, buscar novas histórias é uma escolha, assim como me colocar como sujeito exercitando minha percepção e escolher aceitar os convites que outros sujeitos me fazem.

Desses convites chegam novas linhas para tecer, eu tecelã e tecido, sigo experimentando a dualidade, a noite e o dia, o Sol e a lua, o frio e o quente, a calma e a tensão, a matéria e o espírito.

Escrevendo essas linhas tenho a sensação de reviver experiências com olhos renovados, acho que cabe aqui mais uma história, sobre um encontro desses que começam meio que sem querer.

Essa história começa quando ganhei uma pequena vaca, ainda novilha, de cor caramelo, chifres escuros e lindos olhos amendoados que pareciam ser pintados com kajaal. Nessa época ainda pensava assim ganhei uma vaca, foi só depois que entendi que não é possível ganhar uma vaca ou um cachorro ou um gato, ganhamos sim a oportunidade de nos relacionarmos com uma vaca, um cão, ou um gato, ganhamos a possibilidade de uma amizade, e no mínimo de uma conversa.

Na época eu morava numa casa sítio, próxima à represa Guarapiranga em São Paulo, foi presente de um funcionário que criava boi na Bahia, e eu que sempre gostei de vaca, boi, bezerros e brincava com ele que um dia queria ter uma vaca, e foi assim sem mais nem menos que um dia ele chegou e me disse, sua vaca está aqui, oi? Depois do espanto inicial, veio a empolgação, ia receber uma vaca em casa. Só que veja bem eu

não entendia absolutamente nada de vacas, além de vê-las no pasto, dando mamar aos seus filhotes, apreciação a distância. Duquesa chegou, foi assim que a chamei, e já foi derrubando por terra minhas ideias sobre ela, achava que nunca mais precisaria cortar a grama de casa, que ela daria conta desse trabalho, mas qual a minha surpresa ao descobrir que as bananeiras e orquídeas eram muito mais palatáveis. Apesar de ainda adolescente ela era grande e tinha um jeito todo seu de se movimentar, minhas tentativas de aproximação e de estabelecer um diálogo foram frustrantes, eu não tinha repertório, ela falava e eu não entendia e vice-versa.

Foi preciso paciência comigo e com ela, disposição para me abrir para essa relação, fui buscar informações sobre como elas eram, o que gostavam num intuito de me aproximar e criar boas condições de vida para a Duque, e partir desse movimento começamos algo juntas, fui descobrindo como alimentá-la, e ela começou a confiar mais em mim, comecei a tocá-la e encontrar quais formas de toque e carinhos que nós gostávamos mais, aprendi a aceitar suas massagens com língua grossa na minha pele fina (por tempo limitado), tocar sua gengiva dura sem dentes, e ela a conhecer meu gosto, fomos relaxando numa intimidade nossa, seres da Terra.

As vacas possuem uma calma e doçura que quando, nos abrimos para elas, somos tocados, estar com a Duque relaxava meu corpo, silenciava minha mente, o cheiro de ruminação, enquanto se deitava calmamente, seu corpo quente, seus lindos chifres ásperos que cresciam a cada ano, me revelavam um pouco mais sobre ela, pude conhecer sua força de vaca.

Foi assim que nossa intimidade foi mudando algo dentro de mim, de mansinho mas com determinação e acabou por impactar algumas mudanças na minha vida, a mais determinante se deu nas minhas idas ao supermercado, já não conseguia mais ver as bandejas de carne sem lembrar da minha amiga, pedacinhos de duquesa em vários formatos e nomes, comecei um forte processo de desconstrução, foi como se um véu saísse e a desconexão com todo o processo do ser vivo, sua morte até a carne na minha boca se revelasse diante de mim, se revelasse dentro de mim porque apesar de amar os animais sempre me alimentei deles, mas a partir daquele momento já não era possível, algo havia mudado, como uma peça que encaixa e muda as engrenagens.

Ouvindo Bruno Follander falar sobre percebermos a integridade de um ser, no exemplo dele também uma vaca, entendi que nessa conversa entre nós duas, nessa intimidade, eu enxerguei a integridade da Duquesa e a partir disso não teve mais volta, minha maneira de ver as vacas mudou. A consequência disso foi me tornar vegetariana, hoje praticamente vegana, meu coração se ligou ao dela. Esse encontro me fez enxergar com olhos diferentes dos que uso no cotidiano, a sensação de um coração ligado ao outro, a não divisão por um pequeno momento foi experienciado nesse diálogo, algo difícil de nomear, uma voz que falou comigo e escutar essa voz me

trouxe uma sensação de encaixe interno, de alinhamento com algo muito profundo em mim, foi minha relação com a Duquesa que me ajudou a escutar essa voz, que é minha, mas que até então eu não ouvia.

Da relação e da conversa com outros sujeitos descubro vozes internas, que antes eram desconhecidas.

Esse convívio possibilitou uma abertura, um despertar, uma fagulha no tempo, que suspende o que já é, que cria condições de algo novo surgir.

“Cortar qualquer relação com o mundo e entregar-me ao trabalho da matéria. Sentir minha alma entelhar-se e soldar-se novamente sob uma nova forma. Vivenciar uma força que a esculpe, que a altera de parte em parte. Acordar e nada encontrar daquilo que eu achava que me pertencia. Acordar e perceber que mesmo o mundo à minha volta está irremediavelmente diferente – em sua textura, intensidade e luminosidade”.

Metamorfoses, Emanuele Coccia

Escrevo e revivo essa história, olho os pontos entrelaçados e aqui me dou conta que despertei, mas logo depois adormeci. A Duquesa esteve comigo cerca de 08 anos, e conforme eu aprofundava nessa relação comecei a viver um momento de ansiedade, de conflito, eu sabia que não era possível, se eu quisesse mesmo enxergar a integridade da Duque, ficar com ela. Observava outras vacas e via como se relacionavam entre elas, como formavam um grupo unido, eu estava privando-a da sua natureza.

O conflito existia porque eu tinha me apegado a ela, era difícil pensar em levá-la para outro lugar, mas depois de muita resistência comecei uma busca de vários lugares até encontrar um que achei que era especial, que ela seria bem recebida e bem cuidada, gostei de quem iria ser a companhia dela diariamente, como eu tinha sido, e então decidi que esse seria seu novo lar. Foi nesse momento que adormeci ainda que me achasse desperta, hoje percebo que apesar de ter cuidado dela, de ter ido ver como ela estava se adaptando não fui sensível o suficiente para entender a mudança que estava causando na vida dela, eu decidi o que era melhor para ela e até hoje acredito que tenha sido, mas a maneira como fiz esse movimento foi adormecida, e escrevendo essas linhas me dou conta de que dormi para lidar com a separação. Não consegui fazer a viagem com ela até sua casa nova, meu ex-marido quem fez, fui visitá-la depois de um tempo, ela estava bem, veio me ver, chamegamos, e puder perceber que ela estava integrada com seu bando, senti seu pertencimento, mas ainda assim no meu interior tenho a sensação de que não fui cuidadosa o suficiente com esse processo de desligamento. Não fui cuidadosa com ela nem comigo, o que tínhamos vivido foi muito

profundo e talvez por isso só consegui lidar com essa separação em estado de sonambulismo.

Me lembro da aula do Marco Aurélio, e da necessidade de podermos falar sobre nossas incoerências.

Escrevendo essas linhas percebo que talvez esteja começando a finalizar essa história com a Duque, aqui nessa pós, voltar alguns pontos para seguir tecendo, aprendendo com a vida a aceitar a dualidade que ela nos desafia, liberdade e cuidado, apegos e transformações.

Nesse caminho percorrido na pós, o início foi meio sem muito entender o que esperar, mas ainda longe de estar distraída das expectativas, os dias foram se revelando, vivi encantamentos e surpresas, fui impactada muitas vezes pela poesia do inimaginável, mas também vivi tédio e sonambulismo, todas essas experiências parte do meu tecer, que ainda está sendo gestado dentro de mim.

Nos últimos meses decidi começar a me despir de algumas histórias empoeiradas e romantizadas sobre o que é natureza, sobre o que é conexão com ELA, me despir de imagens pré-concebidas, emprestadas de vivências outras pessoas, me tornei mais distraída dos resultados. Tento a cada dia me desnudar um tiquinho, assim voou mais e já escolho em algumas noites abandonar a gaiola e dormir em galhos de árvores.

Hoje penso que como tudo a palavra conexão é muito falada e pouco apreciada, virou marketing, lista de desejo... colocamos essa palavra num local distante, na torre da princesa protegida por dragões, difícil...

Percorrendo essas linhas sinto que o caminho é mais simples, apreciar as pequeninezas, fragmentos que unidos vão se entrelaçando no tecido, tudo é valioso, porque são relações de vida, costurando, alinhavando, esgarçando...

Só podemos despertar porque estamos dormindo, e despertar é camada da história, é raio de sol que ilumina o cantinho da mata e encontra a semente em estado de dormência, ela estava aguardando, e ao ser tocada acorda, dando início a outra história.

Finalizo essas linhas com vontade que novas histórias me atravessem, que sejam diversas porque a natureza é diversidade, que abram janelas onde antes só tinham paredes, para enxergar o mundo dentro do mundo, que falem do grande e do invisível, que contem sobre novas visões, perfumes, paladares, estimulando o florescer das minhas mãos a tecer novas camadas, espalhando frutos, semeando primaveras, jardineira cuidadosa do jardim da vida. Que nos lembrem que somos pó de estrela, mas vivemos com os pés sobre o chão de gaia, na experiência de um só organismo.

Era uma vez o vazio, o escuro.

Era uma vez janelas e portas que surgiram do vazio, um convite do Todo

Era uma vez existências que foram, existências que são e existências que serão

Era uma vez a natureza que sou

*“Desde os tempos antigos as histórias são recursos dos artistas para propor novos dogmas, promover reflexões e inspirar pessoas. Para os xamãs desde as épocas mais remotas, as histórias são recursos para curar, estimular a compaixão, a empatia e a expansão da consciência.” Kaká Werá*

\* Alma do Mundo, segundo Stephan Harding em Terra Viva, Plutão no seu escrito Timeu, declara que “este mundo é de fato um ser vivo provido de alma e inteligência...uma entidade visível e singular, contendo todas as outras entidades vivas”

## BIBLIOGRAFIA

1. Daniel Munduruku  
Título: A chave do Meu sonho  
UK'A Editora, 2021
2. David Abram  
Título: A magia do sensível  
Editora Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2007
3. Ailton Krenak  
Flecha 3 - Metamorfose, Ciclo Selvagem  
<https://www.youtube.com/watch?v=Q2IS8YhphHw>
4. Manoel de Barros  
Título: Narrador apresenta sua terra natal – Poesia Completa  
Editora Leya, 2010
5. Amós Oz  
Título: De repente nas profundezas do bosque  
Cia das Letras, 2007
6. Emanuele Coccia  
Título Metamorfoses  
Dantes Editora, 2020

